

Cartas do amor e da saudade

*Dolores Martín Rodríguez Corner**

Introdução

Os deslocamentos humanos provocam rupturas nas relações familiares e sociais, bem como mudanças no estilo de vida, instaurando novas dinâmicas no cotidiano.

De fato, é precisamente a ruptura, quase sempre traumática, do legado familiar e comunitário o que faz com que a escrita assuma usos e valores completamente novos: o que para muitos era algo excepcional, como por exemplo, escrever uma carta, se converte agora em uma prática cotidiana e consuetudinária, em uma obrigação moral e social, e inclusive em um verdadeiro ritual.¹

No que tange à realidade, o distanciamento produzido pelas viagens forçadas de imigrantes, embora quase sempre de intenção transitória, causavam, em suas vidas, a necessidade premente de comunicação, o anseio de enviar e de receber informações, tanto dos que partiram quanto dos que ficavam nas aldeias e cidades, sentindo o vazio da ausência e o peso da distância.

Torna-se difícil ao homem moderno, no entanto, imaginar o mundo sem comunicação ou de poucos contatos, pois hoje as diversas mídias disponibilizam meios rápidos, quase instantâneos, ao alcance de todos, como a internet e seus recursos: Skype, *Facebook*, *Face Time* e outros, que fazem, a qualquer canto do mundo e em uma fração de segundos, vozes e imagens.

* Pesquisadora do Laboratório de Estudos de Imigração, do Programa de Pós graduação em História da Universidade do estado do Rio de Janeiro (LABIMI – UERJ) e do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação (LEER), da Universidade de São Paulo (USP).

Como exemplo dessa explosão das comunicações, recordamos um fato recente: quando dois aviões se chocaram contra as torres gêmeas do *World Trade Center* em Nova York, em 11 de setembro de 2001, o mundo recebeu, em tempo real, as imagens que chocaram a todos.

Nem sempre, porém, foi assim. Até bem pouco tempo, inclusive, as cartas eram o único meio de comunicação existente e demoravam muito para chegar a seus destinos. Através das linhas marítimas, elas eram transportadas em viagens lentas, que levavam aproximadamente quinze dias, em inícios do século XX, tempo necessário para fazer o caminho de ida e de volta, caso as missivas fossem respondidas com brevidade.

Quando surgiram as cartas aéreas, o processo foi agilizado, embora os custos e as facilidades de sua remessa não estivessem disponíveis em todos os cantos do país ou para todos.

Outro recurso possível era o das chamadas telefônicas, que, porém, eram formas restritas de comunicação, mesmo no século XX, devido à escassez de linhas telefônicas e à necessidade do auxílio de uma telefonista. Implicavam, dessa forma, em paciência, para aguardar o tempo necessário até que se completasse a ligação, que permitiria conversas em tempo real. As chamadas feitas à noite, ou em fins de semana, apresentavam preços reduzidos, pois eram momentos nos quais as linhas encontravam-se menos sobrecarregadas, mas havia, entretanto, a questão do fuso horário.

Considerando estes obstáculos, desde o final do século XIX início do XX, o modo mais fácil e econômico para saber como estavam vivendo as pessoas que moravam em terras distantes, como a Espanha, eram as cartas que, como elos de união, eram ansiosamente aguardadas, lidas e relidas. Conforme analisa Crocci: “... as cartas permitem compreender os laços que uniam os imigrantes à sua terra de origem, assim como as necessidades que enfrentavam distantes de sua origem.”²

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de moviidades

As cartas de imigrantes dirigidas à terra de origem podem ser classificadas de várias formas: cartas familiares; de amizade; de informações sobre luto ou nascimento; de chamada, para convidar um amigo a emigrar, aproveitando a oportunidade de vida em outro país... Ao serem remetidas – ou recebidas – tendiam a ser guardadas, passando a se constituir em documentos sobre o passado.

Nesse contexto, as lembranças ficavam registradas nas linhas escritas como ‘laços de tinta’; como uma forte presença do passado, de momentos vividos, repletos de alegrias e de tristezas, anunciando chegadas e partidas.

Devido à pouca escolaridade dos espanhóis originários de *pueblos* distantes, muitas vezes as cartas eram incompreensíveis, por serem escritas, como ainda nos anos 1920, com um léxico desconhecido atualmente, devido à evolução da língua. Aqueles que não possuíam sequer os rudimentos da escrita recorriam aos que a dominavam.

Algumas cartas podem ser caracterizadas como cartas do destino, pois tinham o poder de transformar a vida das pessoas, permitindo mudanças de país ou de cidade, além de propiciar encontros e desencontros. A chegada de uma carta tornava este um momento muito especial, inesquecível. Ainda hoje, seu teor revela a sensibilidade dos diferentes momentos pelo qual passavam os imigrantes.

Assim, a leitura atenta de cartas de imigrantes, pode revelar, nas entrelinhas, as sensibilidades perceptíveis em uma conversa reservada com o interlocutor, a quem, muitas vezes, que escrevia abria seu coração, contando o que lhe acontecia na distância, revelando seus sentimentos e suas necessidades.

Pessoas separadas espacialmente, mas unidas pelo coração, viam nas cartas uma oportunidade de diálogo com o outro, o que amenizava a saudade. Após leitura e releitura, as mesmas eram guardadas e passavam a constituir parte do passado ou de um tempo onde a distância impedia os contatos.

Nas cidades ou *pueblos* espanhóis, principalmente aqueles situados em lugares mais afastados, as classes de alfabetização eram ministradas a poucos, preferencialmente aos homens. O fato é que despertavam, em muitos, a necessidade de adquirir os rudimentos de escrita e a leitura, e os que sabiam um pouco da arte a repassavam aos demais, além de servir como ‘escritores’ das missivas, causando certo alívio aos iletrados, pelo fato deles poderem se comunicar e expressar suas inquietações.

As cartas como elos que unem pessoas distantes

Entre todos os elementos que caracterizam o universo simbólico do fenômeno migratório, a carta é a que reúne um potencial evocativo e de fascinação, de invocação excepcional, pelo simples fato de ser um documento privado e pessoal que, pelo menos virtualmente, nos transporta de improviso bem ao centro do evento imigração, permitindo observar internamente alguns aspectos ou momentos, inclusive particularmente íntimos, na visão dos protagonistas.³

Podemos considerar as correspondências entre imigrantes e seus familiares fontes primárias, que nos leva a compreender suas ansiedades e dificuldades em momentos vividos fora de sua terra. Foi há pouco tempo, porém, que os pesquisadores passaram a valorizá-las como tal, transformando-as em importante documento de memória, embora as cartas, que foram carinhosamente guardadas pelos receptores, nem sempre são disponibilizadas para o conhecimento público, permanecendo em gavetas ou em caixas carinhosamente guardadas.

Segundo Salomon:

(...) a correspondência é vista, em sua inteira constituição como prática social, como acontecimento que participa de um fenômeno histórico e não como mensageira ou portadora de algo que lhes aconteceu.⁴

Seu conteúdo, portanto, embora parecesse aos remetentes, muitas vezes, informativo, não era mera informação sobre acontecimentos vividos, mas sim registros que indicavam aspectos pessoais, sentimentos compartilhados, inquietações que, muitas vezes, serviam como alento, aplacando a saudade.

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de movilidades

Durante o processo imigratório, as cartas tiveram papel relevante por seu valor simbólico, além de não permitirem que se rompesse o elo com a cultura, com os costumes, com a história e com suas raízes. O fato de serem guardadas com cuidado, para permitir sua releitura, demonstra o desejo de manter viva a memória, bem como a vontade de memorizar as palavras nelas contidas, para recordar e reviver o passado. Conforme nos diz Núñez:

A documentação epistolar nos aproxima mais à essência do imigrante. As narrações autobiográficas nos permitem recuperar a memória subjetiva da experiência emigratória.⁵

Mesmo após a partida, os sentimentos que tomavam os imigrantes eram, sem dúvida, o vazio e a saudade, que os levava a buscar uma forma possível de comunicação. As cartas familiares, por serem privadas - e muitas vezes confidenciais - assemelhavam-se a uma conversa entre pessoas distantes, que relatavam seu cotidiano, sua vida, o que ocorria na distância e no processo de adaptação ao novo ambiente. A vontade de fazer com que o imigrante, por meio das cartas, se inteirasse do que de fato ocorria no curso da vida no país que havia deixado para trás, é perceptível no teor das correspondências enviadas.

As cartas tardaram a ser consideradas como fontes, em alguns países como a Espanha, apesar de sua importância afetiva e documental. Nesse sentido, Núñez destaca que:

(...) a historiografia ibérica dedicou até agora, poucos esforços para recuperar as práticas e os documentos da escrita popular para analisar a produção epistolar dos extratos subalternos, o contrário da historiografia italiana.⁶

Enquanto na Itália os historiadores se dedicam ao estudo das cartas de seus imigrantes há, pelo menos, três décadas, o mesmo não acontece em países vizinhos, como Portugal e Espanha, que apenas iniciaram suas pesquisas nas últimas décadas.

Esse estudo se inicia pelos historiadores no Brasil, que se dedicaram à análise das diversas cartas encontradas em Arquivos do Estado, no Memorial de Imigrantes, ou mesmo em baús mantidos tanto pelos que deixaram sua pátria quanto pelos que permaneceram com a saudade no país de origem. Nestas cartas encontra-se um verdadeiro tesouro: o registro do ocorrido e das necessidades pelas quais passavam os imigrantes, ou, ainda, lenitivo para amenizar a ausência.

Croci destacou que:

(...) o poder da sugestão da correspondência privada se deve exatamente a essa contaminação entre a vida íntima e a cotidiana, é a marca direta da História, o passar do tempo na subjetividade sem reelaborações e adaptações da memória.”⁷

Dessa forma, os temas desenvolvidos, nas mesmas, abordavam as questões que os instigavam, bem como significavam tentativas de aproximação; de aconchego com os familiares, em busca de respostas.

Houve um tempo em que determinadas cartas eram consideradas um documento válido junto às autoridades, que possibilitavam a e/imigração. Eram as “cartas de chamada”, que deviam ser apresentadas nos embarques na Espanha ou nos desembarques em portos brasileiros, permitindo o ingresso do imigrante, devido ao fato de apresentarem um tutor, ou responsável, no país de acolhida.

Cartas e sensibilidades

Por uma questão de sorte ou de confiança, talvez, tive a oportunidade de tomar conhecimento, por meio de um dos imigrantes espanhóis por mim entrevistados para a elaboração da tese de doutorado, da existência de um pequeno acervo de cartas que cruzaram o oceano, há mais de quarenta anos, recebidas de avós que permaneceram n

a Espanha, após a emigração de parte da família para o Brasil. Carinhosamente por guardadas José González Fernandes,⁸ essas cartas se constituíram em importante instrumento de memória. À época de seu recebimento, essas cartas funcionaram como um alento para amenizar a ausência sentida de contato com a cidade deixada para trás.

Da distante Galícia, nos anos 1950, José, o Pepinho, e Ernesto, o Ernestito, dois meninos na mais tenra idade, embarcaram, acompanhados da mãe, para o reencontro com o marido, que já estava no Brasil. Era um processo de reconstituição familiar. Ao partir em busca de uma vida que oferecesse melhores oportunidades de trabalho, o pai dos meninos, os deixara com a mãe e aos cuidados dos avós maternos, que assumiram a responsabilidade da criação dos netos. Criou-se assim um vínculo muito forte entre os netos e o avô, que ficou em Vigo, após sua partida. Afinal foi ele que compensou a ausência do pai, dedicando-lhes carinho e proteção.

Após alguns anos, a mãe de José resolveu partir ao encontro do marido, levando com ela seus dois filhos. A ideia de deixar a Galícia, para aventurar-se a uma vida em país desconhecido, mesmo que fosse para reconstruir a família e estar ao lado do pai, causou aos dois meninos uma grande insegurança, que aumentou à medida que se aproximava a partida. Ao chegar o momento da separação, José ficou febril e, na hora do embarque, a mãe o levou rapidamente para o navio, para evitar-lhe maior sofrimento.

Na entrevista a mim concedida, José fez uma breve análise do momento da despedida, expondo os sentimentos vividos e expressando o sofrimento pelo qual, tanto ele quanto o avô, passaram; momento que se transformou em uma ruptura irreparável em sua vida:

No dia 10 de abril de 1956, aos dez anos de idade embarquei com minha mãe e com meu irmão, no porto de Vigo, Galícia, no navio argentino *Yapeyu* com destino ao porto do Rio de Janeiro. Meu pai que já estava vivendo no Brasil há cinco anos, e no fundo ele não queria que nós viéssemos, mas, minha mãe era

uma ‘casada solteira’ e fez tudo para vir para estar com ele. No dia do embarque cheguei ao porto com febre, acredito que fiquei doente por ter que deixar os meus avós em Vigo, aos quais era muito apegado. Minha mãe levou-me rápido para o camarote percebendo que eu não estava bem e assim tentava atenuar a despedida, mas logo em seguida o meu avô foi me encontrar no camarote com lágrimas nos olhos, me deu um beijo, deu uma parada entre o corredor e a porta e disse: **Adeus meu netinho nunca mais voltarei a te ver.**⁹

O reencontro entre avô e neto, em um primeiro momento, só foi possível ao estabelecer-se uma correspondência ininterrupta entre os dois, em uma tentativa de aproximação por meio das letras, possuidoras de forte componente emocional e afetivo: as cartas do amor e da saudade. Sabemos que avô e neto separaram-se no momento da partida para o Brasil e só tornaram a se encontrar, ao longo da vida, por duas vezes, quando José, já adulto, voltou a Vigo.

Ao ler o pequeno acervo, constituído por dez cartas, guardadas por muito tempo por José; cartas trocadas entre familiares da Galícia e do Rio de Janeiro e em São Paulo, pude ver desvelados os sentimentos e os fortes elos existentes entre os dois. Aquele menino, que pensava crescer no convívio familiar galego, na casa onde nascera, se viu obrigado a partir para o Brasil, deixando para trás uma parte de sua história.

Ao chegar da Galícia, a família de Pepinho desembarcou no porto do Rio de Janeiro e dirigiu-se para Niterói, onde o pai esperava por eles. Pepinho permaneceu naquela cidade até os 20 anos de idade na cidade. Devido à sua formação em artes gráficas pelo SENAI, recebeu um convite de trabalho da renomada Editora Abril para morar em São Paulo. Mesmo contrariado por deixar sua família no Rio de Janeiro (pais e irmão), partiu para São Paulo, com o intuito de exercer sua profissão, em um trabalho no qual permaneceu até sua aposentadoria.

Trabalhava para a Revista *O Cruzeiro* e em outras gráficas, pois nesta época o Rio deixou de ser a capital e o trabalho começou a decair. Então fui trabalhar na *Editora Abril*, onde fiquei até minha aposentadoria. Em São Paulo só queria fazer uma coisa, trabalhar e construir alguma coisa. Deixei meus pais e meu irmão no Rio, mas logo depois meu irmão foi para a Espanha, servir a Marinha, foi quando minha mãe queria que eu voltasse para a Espanha também, mas eu preferi ficar em São Paulo.¹⁰

No seio de família de pessoas carinhosas, a correspondência incessante proporcionava um alento, um reencontro, marcado pela troca de informações, “enquanto a avó, segundo ele, seguia em um mar de rosas (...)”

Selecionamos três dessas cartas, para análise e avaliação de como elas foram instrumentos importantes naquele momento da vida dos netos que haviam partido, pois chegavam até o ambiente familiar de forma concreta, permitindo o diálogo.

Em uma análise detalhada da primeira carta do acervo, a mais antiga, datada de 24 de março de 1969, enviada pelo avô Abílio a José, a quem ele tratava carinhosamente de Pepinho,¹¹ destacamos alguns importantes detalhes.

Após uma leitura atenta, nota-se que elas eram iniciadas, como todas as correspondências de época, com um “desejando que, ao receber a carta, se encontre bem de saúde”. Seguem-se uma pergunta sobre a saúde do neto e comentários a respeito de sua própria saúde, informando o avô que ainda tomava remédios pagos pelo seguro: comprimidos no valor de seiscentas pesetas, pois sua saúde continuava na mesma, nem com tratamento nem sem tratamento, relatando, ainda, que passava o dia sentado em uma poltrona, e o pouco que andava tinha que fazê-lo com ajuda de uma bengala, porque não conseguia mais andar sem apoio.

Narrativas e sentimentos expressos nas cartas

Carta escrita pelo avô Abílio a José González Fernandes,
(24 de março de 1969)

Querido Pepinho,

Desejo que ao receber estas letras você se encontre bem de saúde, pois eu sigo na mesma **nem com tratamento, nem sem tratamento**, e isto que estou tomando comprimidos de seiscentas pesetas, tubos de 30 pagos pelo seguro, mais nada e, no entanto, sua avó continua um mar de rosas. Pois é o que me dá vida, estou todo o dia sentado numa poltrona e o pouco que ando tem que ser com bengala, porque sozinho não posso andar.

Pepinho, recebi sua carta onde me diz que em São Paulo já está fazendo frio, mas sempre é melhor clima que no Rio, pois no Rio faz muito calor, e como diz em sua carta que se seus pais fossem a São Paulo e tivessem trabalho aí seria melhor porque *Ernestito* no Rio também ganha pouco e trabalha muito.

Pepinho, também me dizes que aprendeu coisas novas e que a empresa é muito boa e que não despede ninguém, pois os empregados devem cumprir com seu dever, e me alegro muito que esteja contente e que aprenda coisas novas.

Pepinho, sabia que na Espanha houve um terremoto muito grande que nos assustou, a gente escapou todos para a rua, menos eu e sua avó por que não podíamos andar. Isto foi no dia 28 de fevereiro às 03h:45 minutos da manhã, pois a cama dançava com um ruído enorme, que se dura um pouco mais morremos todos também.

Contei também que neste inverno choveu muito como havia muitos anos que não se recorda outro, mesmo com tanta água e frio, mas agora já estamos na Primavera, já faz uma temperatura mais agradável.

Sem mais, receba muitos beijos e abraços de tua avó que muito lhe quer e nunca lhe esquecerá e recebam lembranças de seu tio Abílio e beijos de *Abilito* que já tem seis anos e já sabe ler algo e escrever e você de mim receba um forte abraço deste teu pai de Espanha que muito te quer e nunca te esquecerá.

Abílio

Fonte: Acervo pessoal de José González Fernandes.

Como em todas as cartas, a acima citada descreve acontecimentos do cotidiano e parece falar diretamente no ouvido do neto, como querendo que ele se sentisse mais próximo; ou seja, como se pudesse, usando da imaginação, continuar vivendo na Gália.

A carta inicia-se acusando o recebimento de uma missiva enviada a Abílio, que se apressa a respondê-la. Na carta enviada do Brasil, o neto comentava que já fazia frio em São Paulo, devido ao outono, e que os dias eram mais frios. Aproveitando-se do tema, faz uma comparação com o calor do Rio de Janeiro e diz que prefere o clima de São Paulo, mais próximo do frio e da garoa da Galícia, chegando a dizer que até gostaria que seus pais fossem morar com ele naquela cidade, pois Ernesto, seu irmão, trabalhava muito e ganhava pouco no Rio de Janeiro.

Apesar da distância, o avô, em sua resposta, expressava seu interesse pelo futuro do neto, ao dizer “alegrar-se porque ele estava aprendendo coisas novas em uma empresa que era muito boa”.

Preocupado em manter o neto informado e presente de alguma forma, apesar da distância que os separava, apressa-se a contar sobre uma ocorrência na cidade; ou seja, informa-o sobre um terremoto que deixara todos assustados, destacando que, naquele momento os vizinhos haviam saído para a rua, menos ele e a avó, que tinha dificuldades de locomoção. O fato foi tão marcante que havia causado medo entre as pessoas que o vivenciaram, e o avô chegou a registrar a data e o horário do acontecimento, que, para ele, tornou-se inesquecível. “Isto foi no dia 28 de fevereiro às 3 horas e 45 minutos da manhã, pois a cama dançava com um ruído enorme, que se dura um pouco mais morremos todos também.” Registra, ainda, o medo pelo qual passaram eles e todos os moradores da localidade.

Com relação a Vigo, relata ele que:

(...) neste inverno choveu muito como havia muitos anos e que não se recordava de outro, mesmo com tanta água e frio, mas agora já estamos na Primavera e faz uma temperatura mais agradável.

A preocupação do avô era, portanto, a de manter a memória de sua cidade natal, bem como a de se aproximar do neto.

As formas de despedidas das cartas eram, em geral, muito semelhantes.

Muito carinhosas, enviavam:

(...) muitos beijos e abraços da avó (de nome) Visita: que nunca o esquecerá, lembranças do tio Abílio e do primo Abilito que já completou seis anos, e do avô um forte abraço de seu pai da Espanha, que muito te quer e nunca te esquecerá.

Esta forma de despedida tornou-se, praticamente, uma marca de encerramento das diversas cartas escritas pelo avô saudoso: “seu pai da Espanha”, pois ele assim se considerava.

Carta escrita pelo avô Abílio Fernandes a Pepiño
(19 de agosto de 1969)

Vigo, 19 de agosto de 1969.

Querido Pepiño,

Desejo que ao receber estas letras, elas te encontrem bem de saúde, nós estamos bem, mas eu vou andando pela casa com uma bengala, conforme o tratamento.

Pepiño tua mãe me mandou uma carta dizendo que eu não te escrevo ou que a carta se perdeu e também me disse que tu também não recebeste carta minha, pois também se perdeu. Eu não posso saber como as cartas se perdem, pois eu escrevi a tua mãe e lhe mandei duas fotos de Abilito, uma para ti e outra para tua mãe e também te escrevi agradecendo por **dois tabis** (caixas de madeira com cigarros, tavis) que me mandaste, pela senhora espanhola, pois tão logo as recebi *as tabis*, te escrevi e a tua mãe. Pepiño, saibas que Ramiro veio a nossa casa dia 15 de julho e ficou o dia todo conosco e depois de tarde foi a Vigo alugou um carro por três meses, por 36 mil pesetas com todos os seguros e agora anda passeando com a senhora e a menina e quando se va no navio. Eu e tua avó mandamos um pacote para tua mãe e algo para ti e Ernestito e para teu padre do Brasil.

Pepiño, tua mãe me disse que Ernestito está no Rio trabalhando na mesma casa que estavas antes, porque em São Paulo ganhava o mesmo que ganhava no Rio. O mal é que tens que ficar sozinho em São Paulo, mas temos que ter paciência. **Sem mais me despeço de ti recebas muitos beijos e abraços de tua Avozinha que muito te quer e nunca te esquecerá e receba recordações de Abilio e de tua tia Dora e muitos beijos de Abilito. Mando uma foto para tua mãe para quando vás a casa dela para vê-la. De mim receba um forte abraço deste teu pai da Espanha que muito te quer e nunca te esquece.**

Abilio Fernandez [sic - grifos nossos)

Fonte: Acervo pessoal de José González Fernandes.

Em outra correspondência, datada de 19 de agosto de 1969, quando já eram passados cinco meses da carta anterior, o avô relata seu estado de saúde, diz que ainda continua fazendo uso de bengala para se locomover, e protesta porque recebera uma reprimenda da mãe de Pepinho, que o advertia para não escrever cartas ao neto, pois elas se perdiam. O avô ficou indignado com a reprimenda, pois escrevia ao neto com certa frequência e não compreendia porque as cartas se perdiam... Relata, inclusive, que, uma vez, escreveu cartas com fotos de *Abilito* para ele e para sua mãe e não sabe se foram recebidas. Mesmo distante da família, através de suas cartas, procurava fazer com que Pepinho se sentisse em casa, como se os seus olhos fossem os do neto, incluindo detalhes das visitas que recebiam; seus passeios e gastos.

Aproveitando-se desse instrumento de comunicação, o avô agradece os presentes a ele enviados: dois *tavis*, ou seja, caixas de madeira com cigarros (chamados *tavis*), que o neto lhe havia enviado, tendo, como portadora, uma senhora amiga. Registra que, em retribuição, enviava um pacote, que não especifica, à mãe e aos dois netinhos, aproveitando o retorno ao Brasil da referida senhora. Demonstra, ainda, seu aborrecimento com a notícia que havia recebido, reclamando que ele não escrevia para a família, pois sempre o fazia com certa regularidade e lhe espantava que as cartas não chegassem ao seu destino final.

O avô se preocupa e demonstra cuidado e atenção com Pepinho, que, já adulto, permanecia sozinho em São Paulo, pois, por uma questão de trabalho, seu irmão retornara ao Rio, para estar com sua família, que morava em Niterói.

Pepinho, tua mãe me disse que Ernestito¹² está no Rio trabalhando na mesma casa que estavas antes, porque em São Paulo ganhava o mesmo que ganhava no Rio. O mal é que tens que ficar sozinho em São Paulo, mas temos que ter paciência.

O avô também demonstra o imenso carinho que dedicou, durante toda sua vida, aos ‘netinhos’ que dele se haviam separado. Mesmo considerando a distância, nunca se sentiu separado das ‘crianças’, e manteve a correspondência ininterrupta por duas décadas, advertindo, aconselhando e enviando, sempre que possível, uma lembrança, um mimo, como prova de seu elo indelével com eles. No entanto, somente por meio das cartas recebidas amenizava a grande saudade que sentia, embora estas implicassem um tempo na tramitação, considerado demasiado logo, pois tinham que cruzar o oceano para chegar ao destino. Da mesma forma, ocorria com as respostas que eram ansiosamente aguardadas. A despedida incluía impreterivelmente os “abraços e beijos da avozinha que muito te quer e nunca o esquecerá”, assim como o envio de recordações de Abílio e o encerramento com a frase que aparece em quase todas as cartas por ele enviadas: “de mim receba um forte abraço deste teu pai da Espanha que muito te quer e nunca te esquece”.

Carta escrita, de Vigo, por José Maria Gonzalez (pai de Pepiño)
(01/07/1988)

[Carta escrita em português mesclado com o espanhol]

Meus queridos filhos e netos e família. Nós desejamos que todos estejam bons de saúde, nós pelo momento estamos bem.
Lizete aqui o negócio das cartas tem estado muito ruim não sei, que mandei uma carta pra você e outra para Hernando donde mandei uma postal do barco e uma vista de Vigo para Leandro e estou sabendo que nada chega a casa pois mandei o endereço certinho para São Paulo. Também recibi uma carta com os papeis do apartamento do Rio. Lizete o primeiro endereço das cartas que nos demos estava todo ferrado pois trocaram o nome da rua e o número da casa por isso creio que nem a minha aposentadoria mandaram. Agora chama-se Camino de Meceiras nº 11 bajo – tres – Vigo. Por enquanto manda Calle Sta, Tecla nº 49 – 1º - Tres Vigo. Pois esta é donde a gente mora no apto. da mai de Carmen, também já escribimos para Sra. Benito três cartas para o Rio e não chegam, pois Carmem fez muita cuestion para escribir e nada e mandamos uma encomenda para uma Sra. De Orense ela chama-se Hernitos e nos mandou uma carta agradecendo pois recibes o pacote. dille a Piño que não se preocupe com a gente estamos bem. Piño a abuela de uma fuscana ela abrio a porta com muito geitoño e cuasi morre. Passamos um susto caeo desde o descando das

escadas até o porton machucou-se toda. nos sabendo que ela já caeo duas vezes botamos um ferrollo, mas a Carmen esqueceu e espatifou-se e uma bella (velha) muito inrriqueita agora já está boa. O teu tio Fernando faleille e compran um, aunque das que se usan para os quartos e ela non acerta para abrir BATEINAS mais alta e passa o dia catucando mais acaba assistindo, pois, esta cega, só ve a lus ou a claridade do \sol e não se confortma. A mi sim me llama de Ernesto y a tu made Carmen. Porque a filha dela esta na America y pienso que ja soy tu hermano que está en Holanda debe ser por la voz. Ahora ya me llama de Pepe mas soy hijo de carne,

Lizete as cartas que escrevemos foram sem registro bem que podiam mandalas de volta. em esta mando uma vista de Vigo mais com registro em esta carta – a tele e outra vocês. nós temos uma pequena preto e branco e dá pra ver cuando vay tempo por la noite e as ferramentas usa elas para o que queiras. o tempo aqui tem estado mais pra frio que quent4e ahora e que esquentou mais fora las lluvias no foram y ya estamos eb casi julio. Aqui las frutas ya hay de todas partes mientras em Galicia estaba a 12 -0-1 em otras partes a 25-0-9 y a mas el pescado aquí hay mucho menos que en el Brasil. Piño perdi la dirección del hermano de ese señor cres se llama Pepe pues en el viaje papeles para un lado ensena aquí y para olla no se de nada, pidele disculpas al Sr. De Atibara.

Hernandiño e Leandriño a tua avó e estamos muitas saudades de vocês das minhas pernas estou bem. A minha unha do pé caiu esmo e ofereces uma nova bonita e agora ando muito bem não fico com as dores dos pés, muito obrigado sei que passou de ano fico muito contente ter netinhos inteligentes. Também me contou que ganhou um cachorro y melhorou de saúde. Também o tio Ernesto e a tia Josefa estão em Vigo daqui mais uns dias vem para Argentina. Nem tive muito este tempo para visitar a nossa família e o tio Ernesto ainda vai demorar a nos visitar disse que está arrumando a casa de Holanda despues bien e aun telefono *ayer* noche siempre das lembranças para vocês dois. Muitas saudades de todos de teo vovo Pepe e a vovó Carmen e a bisavó Visita tem 89 aninhos. Sem mais José Maria Gonzalez.

Minha pensão já recebi 1º do mês que aqui chegam 24.500 pesetas meu irmão Ernesto a mesma coisa parece que todos emigrantes que trabalham na Espanha ganham o mesmo. [sic]

Fonte: Acervo pessoal de José González Fernandes.

Passados quase vinte anos, destaca-se a carta acima transcrita, guardada por José, por muitos anos, em sua caixinha de recordações, que, embora não tenha sido enviada pelo avô, mas pelo pai, passou a fazer parte de seu acervo. Trata-se de uma carta escrita em português e/ou galego, pois seu pai morou muito tempo no Brasil, mas seguia o mesmo estilo usado pelo avô.

Possivelmente, ele tivesse seguindo o exemplo de seu pai, que usou a correspondência como forma de comunicação, mesmo em uma época em que o telefone já se tornara o meio mais rápido para fazê-lo. Passou assim a utilizar a mesma forma de expressão, em mensagens de carinho e informações, como continuação de um ato aprendido.

Como nas correspondências anteriores, a saudação inicial é dirigida aos filhos e netos. José, o Pepinho, casado com Lizete com quem tem dois filhos: Leandro e Ernando - “Meus queridos filhos, netos e família. Nós desejamos que todos estejam bem de saúde, nós neste momento estamos bem”.

Permanece, na correspondência, a informação de cartas que não chegam a seu destino, embora, no caso da referida carta, tenha havido mudança do nome da rua, em Vigo, o que causou atraso na entrega da correspondência. Jose Maria comenta com Lizete, esposa de Pepinho, a questão dos correios:

Lizete aqui o ‘negócio’ das cartas tem estado muito ruim não sei, mandei uma carta para você e outra a Hernando donde mandei uma postal do barco e uma vista de Vigo para Leandro e estou sabendo que nada chega a casa, pois mandei ao endereço certinho para São Paulo. Também recebi uma carta com os papeis do apartamento do Rio. Lizete o primeiro endereço das cartas que nós demos estava todo “ferrado” pois trocaram o nome da rua e o número da casa, por isso creio que nem a minha aposentadoria não mandaram. Agora se chama Camino de Meceiras nº 11 bajo – tres – Vigo. Por enquanto manda Calle Sta, Tecla nº 49 – 1º - tres Vigo. Pois esta é onde a gente mora no apartamento da mãe de Carmen, também já escrevemos para Sra. Benito três cartas para o Rio e não chegam, pois Carmem fez muita questão para escrever e nada, e mandamos uma encomenda para uma Sra. de Orense ela chama-se Hernitos e nos mandou uma carta agradecendo pois recebeu o pacote. Neste caso, apenas uma encomenda chegou a seu destino [sic].

Como fazia seu avô, o pai também relata detalhes do cotidiano, contando, por exemplo, como se encontrava a avó, informando que ela estava cega, somente vendo a luz ou a claridade do sol, e não se conformando com a situação. No entanto, narra ele: ao abrir a porta com muito jeitinho quase morreu, todos passaram um susto:

(...) ela caiu desde o descanso das escadas até o portão machucou-se toda. Como ela já caiu duas vezes botamos um ferrolho, mas a Carmen esqueceu e espatifou-se, é uma velha muito irrequieta, agora já está boa”.

Ele não se esquece, como nas cartas anteriores, de comentar o tempo na cidade: “O tempo aqui tem estado mais para frio que quente. Agora é que esquentou mais, ainda que as chuvas não nos deixaram, e já estamos quase em julho”. Destaca, também, que há frutas em toda parte, mesmo com o tempo frio da Galícia, em torno dos 12.01°, enquanto em outras partes do país a temperatura era de 25.09°, acrescentando um detalhe interessante: a informação de que lá havia menos pescado que no Brasil. Do mesmo modo, dirige-se, aos netos:

Hernandiño e Leandriño a tua avó e eu estamos com muitas saudades de vocês. Das minhas pernas estou bem. A minha unha do pé caiu e oferece uma nova bonita e agora ando muito bem não fico com as dores dos pés, muito obrigado sei que passaste de ano fico muito contente ter netinhos inteligentes. Também me dizes que ganhaste um cachorro y melhoraste de saúde [sic].

Nos comentários familiares, não se esquece de seu outro filho, Ernesto, que havia deixado o Brasil, por ter ingressado na marinha espanhola, indo morar na Holanda:

O tio Ernesto e a tia Josefa estão em Vigo. Daqui mais uns dias vão para Argentina. Nem teve muito este tempo para visitar a nossa família e o tio Ernesto ainda vai demorar a nos visitar disse que está arrumando a casa de Holanda, depois vem. Ainda telefonou ontem a noite sempre dá lembranças para vocês dois. Muitas saudades de todos de teu vovô Pepe e a vovó Carmen e a bisavó Visita que está com 89 aninhos. Sem mais José Maria Gonzalez [sic].

A história se repetia: de tanto presenciar a alegria, proporcionada pela chegada de uma carta, naqueles que viviam distantes de sua terra, também ele escrevia missivas, embora já houvesse novos e mais rápidos meios de comunicação. Passados tantos anos, o hábito permanecia no seio da família e o elo escrito seguia acontecendo.

Apesar da distância e do tempo, as cartas propiciavam o reviver de todo o carinho e a saudade que sentiam uns dos outros, apesar do destino não permitir que pais e avós acompanhassem o crescimento de filhos e netos. Nas entrelinhas das cartas, os sentimentos transbordavam na tristeza trazida da separação constante.

As cartas trocadas por Abílio e seus familiares são apenas um dos muitos exemplos existentes. Muitas correspondências, porém, foram perdidas, quer por mudanças de endereço quer pela falta de cuidado e atenção com sua conservação. Certamente, se fossem recuperadas, uma parte das histórias de vida de vários imigrantes poderia ser resgatada.

É uma pena que outros imigrantes não tenham guardado, com o mesmo cuidado, as cartas trocadas com seus familiares no período de imigração, relatando os impactos enfrentados em outra realidade, pois os acontecimentos, temores e inseguranças jamais serão conhecidos e analisados, para elucidar as experiências vividas no processo imigratório, tendo em vista que eles não foram compartilhados.

Considerações finais

São nos detalhes das cartas transcritas, em suas entrelinhas, que é possível perceber o grande amor entre o avô e seu ‘netinho’, mesmo após terem se passado tantas décadas, responsáveis por mudanças no tempo, tornando tão distintos presente e passado. Pela responsabilidade assumida pelas circunstâncias, o avô, forte e provedor, preocupado com o futuro das ‘crianças’, mesmo vivendo em outro país, e fora de sua proteção direta, não deixou que a distância opusesse fim ao seu carinho. Com o passar do tempo, através das cartas, é possível verificar, por exemplo, o envelhecimento do avô e o fato dele necessitar do apoio de uma bengala para andar. Por outro lado, o neto, transformado em adulto responsável e com caráter bem formado, honra os

conselhos do avô e procura ter a vida íntegra das pessoas do bem, buscando no trabalho a ascensão social.

Apesar do corte havido nas relações diárias entre os dois, na mudança drástica de seus destinos, proporcionada pelo distanciamento em suas trajetórias de vida, que seguiram paralelas, as cartas transformam-se em fortes laços de amizade, respeito e união. Somente suas interfaces podia uni-los, possibilitando o compartilhamento de suas vidas, mesmo a distância, nos momentos mais simples, nos relatos do cotidiano vividos nos dois lados do oceano. Além disso, a sensibilidade contida nas correspondências está impressa no papel.

As memórias de fatos do cotidiano relatadas nas cartas possibilitam que olhos ausentes ‘vissem’ a terra de partida e sentissem, nos momentos relatados, um pouco de seu país imaginado, adormecido na mente e inacessível pelas circunstâncias.

Graças ao cuidado que José González dedicou às cartas, guardadas como relíquias, elas chegaram até nossos dias e assim possibilitaram a análise das relações e sentimentos por ele vividos na infância.

Como o exemplo demonstra, as cartas familiares tornaram-se relevantes e importantes na vida dos imigrantes: pelas notícias que veiculavam, tornando a separação menos difícil, uma vez que amenizavam a distância e a saudade, ao mesmo tempo em que revelavam sensibilidades e sentimentos, já que eram escritas, primeiramente, com o coração e só depois com a caneta.

Anexos

Carta 1. De Abílio para Pepiño (24/03/1969)

<p> Digo 24 de marzo 1969 Querido Pepiño Pero que al recibir estas letras te voy encontrar bien de salud por lo que en tu misma con tratamiento entre una de las cosas es eso que estoy tomando como de sedicente es para tu de ser que lo paga el seguro pero nada y si embargo te abuela sigue la mar de bien pues es lo que me da la vida pues hoy todo el día está en un sillón y para lo poco que anda bien que sea con un bastón que solo no puedo </p>	<p> no puedo andar Pepiño recibí tu carta que me dice que en San Paulo ya está haciendo frío pero que es mejor clima que en Pico pues en Pico hace mucho calor y como sabes en tu carta que el día de ayer fueron para San Paulo y también a trafo ahí sería mejor por que también en Pico también que poco y trabaja mucho. También también me da que a pesar de cosas nuevas y que la compañía es muy buena y que no despierte la madre pues lo empleamos debun </p>
---	--

Fonte: Acervo pessoal de José González Fernandes (o Pepiño), entrevistado pela autora em 23 de maio de 2008.

Carta 2. De Abílio para Pepiño (19/08/1969)

<p> pero hoy que te voy sin más me dirás de te recibiendo muchas besos y abrazos de tu abuelita que me te quita y mucha te olvidara y así me recuerdos de Abilio y de tu abuela Doña y besos al Abilio le mande una foto a tu madre para cuando vaya a casa la besas y de mi y recibir un fuerte abrazo al tu padre de España que mucho te quita y mucha te olvidas Abilio Fernández </p>	<p> Digo 19 de agosto 1969 Querido Pepiño Pero que al recibir estas letras te voy encontrar bien de salud nosotros bien por el momento por lo que voy a por casa con un bastón y sigo con el segundo tratamiento Pepiño tu abuelo me manda una carta diciendo me que me le escribi o se perdió la carta y también me dijo que tu tiempo residía esta ma más tarde se perdió yo no puedo saber como se perdió en las cartas pues yo le escribi </p>
--	---

Fonte: Acervo pessoal de José González Fernandes (o Pepiño).

Carta 3. De José Maria González para Lizete, esposa de Pepiño
(01/07/1988)

Pigo 1-Julio 1988

Meos queridos fillos e netos e familia nos deseñamos que todos esten
bons de saude nos pelo momento estamos bon
Lizete aqui o negocio das cartas tem estado muito ruim não sei
o que o mandei uma carta pravece e suitea para Heronndo donde
mandei unso postal do barco e uma vista de Pigo para Sandra e
estou sabendo que nada chega aesa pois mandei o enderezo certidão
para São Paulo. Tambem recibi una carta con os papeles do apar-
mento do Rio Lizete o primeiro enderezo das cartas que nos olemos
estaba todo errado pois trociron o nome da rua e o numero da casa
e foi ir-eres que nen omiã o sento daria nen mandon agora
chamare Laminos de etaceiras de 11 bajo. Feis Pigo- far encusnt
manda Calle Sta Fecla nº 44-1º Feis Pigo pois esta e donde a
gente mora no apto da mai de Carmen. Tambem ja escribimos para
si Sra Benita tres cartas para o Rio e não chegan pois Carmen fez
muita cuestion para escribir e nada. Emandamos uma en-
comenda para uma Sra de Orense ela chamare de ^{comitios} ~~comitios~~ e nos
mandou uma carta agradecendo pois recibes a ^{comitios} ~~comitios~~ dille o dia
que não se preocupe com a gente estamos bon. Piño a abuelo
e una fuscona ela abriu a porta com muito geitonos e cuasi morro
foramos, un rueto caer desde o decaiso dos exados ate a porton
mas cauceu todo nos sabendo que ela ja coss duas veces botemos
um ferrollo mas o Carmen esqueceu e espatifou e uma bella mu-
lher que esta agora ja esta boa o tes tio Fernando faleille e compra
im quinze das que se usan para os quartos e ela non acerta por
abrir boteiros mais alta le fora o dia estucando mais acaba
desistindo pois esta cega so ve alus o u s cleridos de do Sal e non
se conforma a mi sum me llama de Ernesto ya tu made Carmen

Fonte: Acervo pessoal de José González Fernandes (o Pepiño).

¹ SIERRA-BLAS (2004), p. 17.

² CROCI (2008).

³ CROCI (2008), p. 14.

⁴ SALOMON (2002), p. 10.

⁵ NUÑEZ-SEIXAS; SOUTELO (2005), p. 33.

⁶ NUÑEZ-SEIXAS; SOUTELO (2005), p. 38. Cita, todavia, o autor, textos referentes à imigração italiana que se dedicam, há tempos, ao estudo destas cartas como os de GIBELLI (2002, pp. 189-23). Vale registrar os estudos do referido Federico Crocci (2008).

⁷ CROCCI (2008), p. 15.

⁸ Depoimento prestado em entrevista concedida à autora em 23 de maio de 2008.

⁹ Depoimento prestado à autora em 2008.

¹⁰ Depoimento prestado à autora em 2008.

¹¹ Pepe é o apelido espanhol para os 'José', e como seu pai era José, o menino era chamado de Pepinho pela família.

¹² O destino de Ernestito, seu irmão menor, foi diferente; pois ingressou na marinha espanhola, indo residir na Holanda a serviço e desde então se afastou da família, do Brasil e da terra natal.

Referências bibliográficas

GIBELLI, A. (*Emigrantes y soldados. La escritura como práctica de masas en los siglos XIX y XX, en Castillo (coord), La conquista del alfabeto. Escritura y clases populares.* Oviedo: Trea, 2002.

CROCI, Federico. "O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil". *Locus: Revista de História*. Juiz de Fora, 14 (2), Jul.-dez de 2008.

NUÑEZ-SEIXAS, Xosé Manoel; SOUTELO, Raúl. *As cartas do destino. Unha familia galega entre dous mundos (1919-1971)* Vigo: Editorial Galaxia, 2005.

SALOMON, Marlon. *As correspondências. Uma história das cartas e das práticas de escrita do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Universidade Federal de Sta. Catarina, 2002.

SIERRA-BLAS, Verónica. "Puentes de Papel", Apuntes sobre las escrituras dela migración". *Revista Horizonte Antropológicos*, 10 (22), Porto Alegre, 2004.